



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



Francisco Rodrigues Lobo  
*Víamos e não veremos*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Víamos e não veremos*  
Francisco Rodrigues Lobo

---

Adaptação ortográfica e projeto gráfico  
Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1820.

Ilustração: Oswaldo Goeldi (1946)

Livro Digital nº 1053 - 1ª Edição - São Paulo, 2019.

**Miscelânea/Poesia/Pensamento** - Literatura Portuguesa.

**Francisco Rodrigues Lobo**  
**(1580-1622)**

---



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

CASTRO ALVES

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de *retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*. Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual. O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo. Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem

os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do Projeto Livro Livre sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o Projeto Livro Livre não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

IBA MENDES



## FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Este incomparável poeta, que no fim do século XVI sob a depressão do sentimento nacional, e no derrancamento do gosto das pastorais italianas, brilha com a verdade da sua inspiração a par de Bernardim Ribeiro, de Cristóvão Falcão e de Camões, é um fenómeno que só se compreende pelo meio em que foi nascido e criado e pela realidade de uma emoção amorosa. *Lereno*, como o poeta a si se chama, formando este nome de Leiria, descreve a terra que é verdadeiramente uma Arcádia em que a vida rural não carece de ser imaginada, em que os quadros idílicos são todo o ambiente em que se respira e a vista alcança. É dali que ele tira todas as suas representações objetivas e os lances da vida sem artifício ou convencionalismo bucólico. As primeiras linhas da *Primavera* revelam esse meio que o fez poeta: "Entre as fragosas montanhas da Lusitânia, na costa ocidental do mar Oceano, onde se veem agora com maior nobreza levantadas as ruínas da cidade antiga Calipo, há um espaçoso sítio partido em verdes outeiros e graciosos vales, que a natureza com particulares graças povoou de árvores e fontes que fazem nele perpétua primavera, em meio do qual se levanta um monte agudo de penedia, cercado como ilha de dois rios, que pela fralda dele vão murmurando, até que ajuntando-se no extremo da sua altura levam ao mar em companhia a vagarosa corrente, e assim da parte do rio *Lis*, que na cópia das águas é principal, como pela do claro *Lena*, que escondido entre arvoredos faz o caminho, é cultivada a terra de muitos pastores, que naqueles vales e montes apascentam, passando a vida contentes com seus rebanhos e com os frutos que a terra em abundância lhe oferece... Aqui aonde Amor costuma conservar seu senhorio, mostrava cada dia maiores efeitos dele... Uma entrada do verão, quando pelo costume dos naturais do vale e

por ajuntamento de outros pastores estrangeiros que ali traziam seu gado pela abundância dos pastos daquela ribeira, havia entre todos muitos exercícios de alegria costumados dos pastores, como eram músicas em porfia, dúvidas amorosas, bailes e lutas de toureiro e outros jogos, em que havia na montanha guardadores estremados. *Lereno*, que na música a muitos do vale tinha vantagem, um dia que com o novo sol sobre os floridos ramos, começavam as aves a celebrar a entrada do Verão e as aves e boninas a se levantar da terra... escolhendo um lugar apartado, a que o inclinava a própria condição, se foi assentar junto de uma fonte que está perto do rio à sombra de um alto freixo, entre duas faias, e ali cantou..." Era a iniciação do seu gênio poético, suscitado pela *entrada do verão*, como os apaixonados trovadores cantando pela *reverdie*: e esta precocidade, que cedo distinguia o jovem Lereno, floresceu esplendidamente pela psicose de um amor exaltado, que foi o tema exclusivo da sua obra literária. A beleza dessa idealização subsiste, por si, mas melhor se aprecia determinando a realidade que lhe dá um relevo objetivo. Os efeitos desse meio no desenvolvimento da organização poética de Francisco Rodrigues Lobo ainda hoje são verificáveis: são *esses os sítios* da perspectiva pitoresca de Leiria, em permanente idílio natural, mas para aspirar a atmosfera moral da floração psíquica de Francisco Rodrigues Lobo, que vivifica toda a sua poesia, importa pedir à sua obra a revelação do misterioso amor. A terra, que lhe foi berço, esclarece o espontâneo bucolismo em que despendeu o seu temperamento artístico; só o misterioso amor realça a beleza e sentido cujos versos, admirados apesar de se acharem velados estranhamente.

Por circunstâncias das tremendas crises sociais e políticas de fins do século XVI e começos do XVII, ficaram ignoradas as principais datas da sua vida: são elementos para essa reconstrução as referências de escritores contemporâneos, as tradições literárias colhidas pelos bibliógrafos Nicolau Antônio, Barbosa Machado e o bispo do Grão Pará Fr. João de São José Queirós, com os elementos pessoais que se encontram pela sua obra, como o sincronismo das individualidades preponderantes contemporâneas com quem conviveu. Pela

coordenação de todos estes esparsos subsídios, a vida do inspirado poeta é um verdadeiro poema.

---

TEÓFILO BRAGA

*"História da Literatura Portuguesa: Os Seiscentistas(1916)*

*Pesquisa e adequação ortográfica: Iba Mendes (2019)*

# VÍAMOS E NÃO VEREMOS

## ALEGORIA MORAL



*(Acompanhada de outras diversas máximas relativas à nossa liberdade)*



*Com Licença da Comissão da Censura.*

*Sacro Febo, não cesses  
D'espalhar teus luzeiros;  
As verdades mais sãs desdobra aos homens;  
Quartel não dando à Escuridão, aos Erros,  
A Humanidade miséria liberta  
Do Jugo insuportável  
Da Ignorância, fatal, que é mãe dos males.*



*Dedicada ao Excelentíssimo\*\*\* um dos Digníssimos Deputados da Junta  
Provisória do Supremo Governo do Reino*

\*\*\*

*Mil Bênçãos caiam do Céu sobre uma sábia Constituição Nacional.*



Do Observador Constitucional:

*Víamos e não Veremos: (verbi gratia) — Sujeitar-se um benemérito  
Militar ao vergonhoso ludíbrio de procurar um Usurário (de que*



abundava Portugal) para lhe rebater os Soldos, e depois de lhe pedir a 25 por cento, e concluir o negócio havendo diferença em 600 réis, a favor do dito Militar, dizer o Usurário, sem pejo nem consciência: Os 600 réis não fazemos caso deles; pois numa conta destas deve vossa senhoria ceder-mos (afirmando logo que lhos não dava, porque aliás lhe não podia rebater os Soldos; pois tinha quem se sujeita-se a perder 30 em lugar de 25) para eu beber uma garrafa de vinho (de veneno a precisava ele) à sua saúde!

*Víamos e não Veremos:* Que o benemérito guerreiro possa formar as justas queixas que tão justamente lhe atribuem e que tão injustamente se lhes causavam o Sábio Escritor João Batista de Castro — "Desde menino tive tal inclinação à Milícia, que sempre me agradou mais a lança de Aquiles, que a Lira de Paris, mas a experiência me tem mostrado, que mais vale saber manejar as Liras que as Lanças. Já se acabaram aqueles tempos, em que um Mitridates, e um D. João II, de Portugal, tinham Livros em que escreviam os nomes de seus Soldados para os honrar, e premiar; agora fica encoberto o merecimento, e sepultadas as ações na falta do prêmio. O título de herói já não chega aos ouvidos do Soberano, se não coberto com a capa da nobreza. Tenho-me achado em muitas batalhas, e sempre saí delas feito mais espetáculo de compaixão, do que assunto de ludibrio; e com tudo sirvo de exemplo aos desgraçados. Foi doutrina de um Filósofo, que a alma se mistura com o sangue; se assim é, quantas vezes tenho eu derramado a alma pelo sangue das feridas por amor do meu Rei? Companheiros conheço eu, que nunca na campanha souberam outro quartel, que o da saúde, nem mais ataque que o do sono; e hoje ostentam louros das batalhas no aumento dos postos; e quando eu não descansava de dia e de noite em contínuas vigílias, como Jacó, achando-me em todas as ocasiões na frente do meu Exército, com tanto risco da minha vida, sendo muitas vezes o primeiro que arvorei a bandeira sobre a brecha das Praças; não subi mais do que à de Soldado raso no predicamento da fortuna humilde; nem estas cãs mereceram ser coroadas ao menos com a coroa da hera do Profeta Jonas, que se murchava de quando em quando.

Eu bem sei, que se puser em concurso os meus merecimentos, ninguém poderá ajuntar melhores certidões; mas de que me serve alcançar um pedaço de pão, depois que o não possa comer, sofrendo de mais a mais o insuportável purgatório de pretendente? Quando o despacho se comprava só com o serviço, era mais barato o despacho: agora sai mais caro, porque se compra o despacho com o serviço, e com a pretensão; e assim vem a custar mais o pretender do que o servir."

*Víamos e não Veremos:* As três faltas essenciais (e que diz um Político que por modo nenhum se deve faltar aos Militares) isto é: A de Soldo diário, a de Remuneração extraordinária, e a Liberdade depois de certo e limitado tempo de serviço. — O Exército bem provido de mantimentos, tarde ou nunca é vencido — a paga certa alenta, porque pela boca se aqueça o forno, e não devemos crer que sejam os Soldados como os fornos d'Arruda, que só uma vez na semana se aquecem, e isto lhes basta para coserem pão de Domingo a Domingo! Tem-se isto por prodígio grande, e por maior se deve ter que aturem os Militares meses e meses sem receberem um real de Soldo para se vestirem e manterem. A segunda os faz constantes, por que o desejo de aspirar, e crescer é natural, e com a certeza de melhorar de posto, e alcançar bons despachos, fazem por merecê-los, e não temem arriscar as vidas, porque o estímulo da honra é o melhor alicate que há para avançar às grandes empresas, e também o do interesse. A terceira os faz leais, por que se se imaginam cativos, e que nunca puderam renunciar o trabalho da Milícia, vestem-se da condição de escravos, e é o mesmo do ódio a seus senhores, e em lugar de se portarem como Guerreiros Esforçados, portam se como *Forçados* das Galés!! um Político adiantou mais, e chegou a ponto de dizer, que pelo antigo costume, ou prática observada na Milícia até ao presente, muito menos penoso era ser Forçado nas Galés! do que Soldado no Exército; pois que o primeiro era preciso que o seu crime fosse muito grande para se prolongar o seu cativeiro por mais de dez anos, e o do segundo acabava com a existência!

*Víamos e não Veremos:* Que um benemérito Sargento que muitas vezes posto que não tenha grandes Estudos uma prática consumada o tem posto capaz de responder por uma brigada quanto mais por uma companhia, ser preterido... Em suma considerado indigno de pôr uma banda à cinta!

Destes beneméritos Sargentos dignos não só de serem oficiais, como acima dissemos, mas por uma consumada experiência, honra, e prática, capazes de responderem por uma Brigada, se encontram em o Regimento de Artilharia nº 1, e em outros muitos Regimentos.

*Víamos e não Veremos:* Capitães-Mores com um poder despótico, e absoluto para cinco Recrutas que se lhes pediam, meterem em uma cadeia (que quase sempre sucedia próximo ao Natal em que os Lavradores matam os porcos!) cem e mais filhos de Lavradores, Viúvas, e Infelizes Mães; e depois a troco de peitas soltarem noventa e cinco a fim de remeterem as cinco pedidas! Outro sim meter na mesma conta (e na mesma cadeia) homens trabalhadores, que por serem doutras terras longe de suas Famílias desprovidos de dinheiro; (pois que regularmente quando chegam ao Sábado já tem comido parte do dinheiro que se há de vencer na Semana seguinte) ali se conservavam trinta, quarenta, e mais dias, quase morrendo de fome (o que chegaria a suceder senão fora a caridade dos fiéis) até que o indigno Capitão-Mor complete a redução dos que prendeu, e dos que há de mandar, e até das peitas que intentou receber! — Parece que pedia a justiça, e a boa razão, (se em tais sujeitos se encontrassem!) que logo que se prende (que nunca se devera prender) um homem para servir a Pátria, fosse sustentado pelas Câmaras das mesmas Vilas, assim como o são os Soldados nos Calabouços.

*Víamos, e não veremos,* Chefes de Corpos (que em quase todas as classes os havia até de Ladrões!) capazes de contratarem entre Quartéis Mestres, e Soldados abonados (de dinheiro seu!! — Não se procura aqui como ganho!) a venda da Fardetas quando ainda existentes na Fundição, e depois o mesmo Soldado em lugar de dadas que lhe eram em recompensa de seus serviços, ter de comprar as mesmas a 1200 réis, os quais lhe eram descontados no diário

pagamento, e quando sucedia não poder continuar a servir (por se achar só capaz de acabar a sua existência pedindo esmola!) se lhe punha na sua Baixa esta verba: Vai pago de Fardas, e Fardetas (pelo contrário as tinha comprado com o seu dinheiro!) até ao presente (segundo a Data da Baixa & Cia.)

*Víamos e não Veremos*, horrorosos quadros, como aquele que nos apresenta o Jornal — O Patriota — sobre o péssimo e detestável sistema de tratar, e escolher a Maruja em Portugal nos últimos calamitosos tempos: — "O péssimo tratamento dos Marujos, é outra causa da decadência da Armada. um Marujo vilmente amarrado com uma corda, ou com as mãos algemadas, era conduzido para uma Cadeia dali passava a uma revista, eram frívolos, eram sem razão quantos motivos apresentasse; da revista para um Depósito, aonde ociosos se davam a toda a qualidade de vícios, e de destemperos; do Depósito para uma Embarcação, e na Embarcação pela Barra fora... é chegado o momento do trabalho... Poucos são capazes de subir, poucos são capazes de trabalhar, porque a maior parte são homens que se alguma vez embarcaram foi do Cais das Colunas para o de Cassilhas, que julgo já lá existe; uns eram galegos do barril, outros padeiros, estes Oficiais de Carpinteiro, e Pedreiro, e quase todos piores do que eu, que Deus me livre de me achar em tais assados! Mas a Embarcação por milagre do Altíssimo lá vai... sim lá vai a Embarcação exposta a perder-se, e tantas vidas... tantas vidas... faz-se a Viagem, voltam, e entram no Porto, donde sairão, que esperaram estes homens?... Que se lhes pague o seu trabalho, e tanto mais quanto foram obrigados a trabalhar; mas que sucede? Demorá-los a bordo imenso tempo, até que impacientados, nus, e miseráveis, e o que ainda é mais cruel, e duro, se tem mulheres, irmãos, ou pai, lembrarem-se de que estarão morrendo à fome, sem eles lhes poderem valer, tendo aliás com que, pois tem ganho com tanto perigo uma soldada tão diminuta... e esta mesma se lhe nega...negava-se-lhe tudo... até a própria liberdade... Não tem outro recurso senão fugir... fugiu! Perdeu de uma vez os direitos a tudo quanto sobre as águas do mar debaixo de procelosos aguaceiros tinha adquirido... (quando não perdia a vida como sucedeu a um infeliz de outros muitos, mas menos do que ele, que iam fugindo há

coisa de dois anos pouco mais ou menos, de bordo do Brigue — Tejo — que mandando o Comandante um Escaler sobre a Lança em que iam fugindo sobre a qual atiraram alguns tiros, do que resultou quando chegaram à outra banda, acharem a Lança encalhada, terem fugido os que ficaram vivos, e ficar um infeliz morto!) Oh Santa Razão! Quanto estavas degradada entre os homens!... Mas graças mil, graças mil aos nossos Libertadores, ousamos assegurar, que será um dos primeiros objetos digno da sua alta Consideração, da sua Justiça, Retidão, e Amor da Pátria!"

*Víamos e não Veremos*, Leis que possam ter só o título de Leis *Lisbonenses*! Qualquer indivíduo podia ter uma Loja de Livros na Cidade do Porto (Cidade Ilustre por onde principiou a dissipação destas trevas) em Coimbra, Évora, Elvas & Cia. ou em outra qualquer parte do Reino. Apenas em Lisboa uma injusta representação (pois que as justas não as deixavam chegar a seus ouvidos) feita a Sua Majestade por um ou mais Encadernadores, que nunca viveram de vender Livros encadernados, mas sim de encadernar, dois objetos tão diferentes um do outro, como é o de um Ferreiro fazer pregos (seja-nos permitida esta expressão) e uma Loja de Ferragem vendê-los; foi resolvida em Consulta no Rio de Janeiro, que só aos ditos Encadernadores fosse permitido vender Livros, do que resultou ao pobre e infeliz — Mechas — perfeito modelo da atividade no seu gênero, ser citado por eles Encadernadores, então Juizes do Ofício, ou para se examinar, ou fechar a Loja, e desta forma vir a perder um estabelecimento, donde tirava subsistência para si, e sua desgraçada Família. Ele confessa, e até prova, que só uma ambição desmedida lhe poderia negar que ele não fosse ativo para si, interessante para com seus concidadãos, e de utilidade para os mesmos Encadernadores que tinham cavado a sua ruína: Enfim continua ele: Ser-me-á preciso abandonar a minha Pátria para me ir estabelecer a um Reino Estrangeiro? (o que teria feito senão fosse dar a entender a seus Credores que tinha dinheiro metido em si) quando em Portugal não precisa ser Encadernador, mas basta ser Estrangeiro (ou que seu pai o fosse) para ter Loja de Livros?... Ser-me-á estranho, ou intolerável o andar eu, de dia e de noite, oferecendo Livros pelas Lojas de Bebidas, e Bilhares do Cais do

Sodré, ensinando por este modo aos meus Patrícios, que eu não me desprezo de que com a mesma mão com que escrevo para o Público (à falta de Escritores) com essa mesma ofereço os Livros, e que ao homem nada está mal senão o mal proceder?... Não dou eu que fazer aos mesmos Encadernadores? Não tenho eu feito trabalhar as Imprensas, e obrigado a comprar, Livros com a minha indústria a homens que apenas em outro tempo talvez se lhes não achassem meia dúzia de Livros em casa, hoje em dia tem enchido as Estantes dos que a mim me tem comprado? Desenganem-se que isto de Livros, ou Leitura é um vício (vício assaz louvável, e interessante!) e que quanto mais há quem venda Livros, mais Livros se vendem! Ainda que assim não fosse, aonde há dano de terceiro, não pode haver contemplação com certos indivíduos; pois que o bem geral deve prevalecer à utilidade de alguns. (Se é que não é uma utilidade mal entendida!) Finalmente uma grande, evidente, e decisiva prova sobre o serem prejudiciais à indústria popular as Corporações privilegiadas, ou Companhias exclusivas, se pode ver em um dos jornais de Paris de 12 de setembro do presente ano, e na Gazeta de Lisboa em 9 de outubro do dito. — Um sábio Ministro de Nápoles, entre outras muitas importantes máximas, trata em um Capítulo separado a seguinte: "Fica ofendida a liberdade da indústria (prosegue o Ministro) quando se estabelecem Corporações de Artes, e Ofícios; quando o Governo tem faculdade de fazer-se empresário; quando se formam Companhias exclusivas de Comércio; quando se exclui algum ramo de indústria, ou é oprimido com impostos. Quanto à propriedade que se adquire com a indústria, pode ser prejudicada direta ou indiretamente pelas Leis da confiscação; pela usurpação do poder administrativo nas causas civis; pelos empréstimos que tomasse o Governo sem uma utilidade evidente para o Estado; pelas pensões concedidas sobre a dívida pública fora dos casos prescritos pelas Leis; por impostos mal estabelecidos, ou que excedem as necessidades públicas."

*Víamos e não Veremos*, que se concedam Privilégios até aos Cegos (que parece mesmo Privilégios de Cegos!) a um ponto tal que os autorizasse para nas terças feiras fazerem apreensão em quantos Livros achassem à venda, ou, fossem ou não de particulares, e que a



menor pena imposta, era, o perdimento deles, e 5\$ de condenação!... Acabamos de saber enfim que eles se tem deixado (posto que a sua vontade fosse o contrário) de obstar aos rapazes que ao presente se ocupam (e que até é uma providência; pois que a maior parte deles se ocupava em tirar lenços) em vender folhetos, e Versos análogos à Liberdade Constitucional.

*Víamos e não Veremos*, que a uma pobre e honrada mulher lhe fosse proibido vender uma saia, ou uma camisa com o risco de a perder, e ir parar ao Limoeiro.

*Víamos e não Veremos*, uma infame Proclamação que dê o nome de — Rebeldes!!! — aos Heróis que no dia 24 de agosto levantaram pela primeira vez a voz da Razão, e do Heroísmo sobre a Liberdade Constitucional.

*Víamos e não Veremos*, um infeliz criminoso estar prezo quatorze anos ao fim dos quais propor-se em Relação, e dar-se-lhe a escolher se queria morrer, ou ser carrasco! Tão infeliz quanto generoso, e de alma grande foi um criminoso, que respondeu: Quero morrer, porque posto que eu com Constância tenha suportado quatorze anos de prisão, não me acho com forças bastantes para ficar o restante da vida com a obrigação de ser algoz da Humanidade!

Enfim *Víamos... Víamos... Víamos...* e não *Veremos... e não Veremos... e não Veremos...* coisas que tanto nos faziam a vista turva, e que nos estavam quase fazendo cair em um perfeito Caos de escuridade; porém agora pelo contrário *Veremos... Veremos... e Veremos...* coisas que nos fação, e farão a vista clara qual Lince, nossos gozos felizes, e afortunados... Em conclusão: — *Veremos*, que assim como Portugal é nomeado, ou tido por — Paraíso na terra — nós o seremos por — Entes bem-aventurados no Mundo.

## PENSAMENTOS, E MÁXIMAS PRÓPRIAS, E ADEQUADAS ÀS IDEIAS INTELLECTUAIS E MORAIS DO HOMEM.

### LIBERDADE

I — Diógenes, perguntado, que coisa havia melhor na vida, respondeu: A liberdade que perde o Avarento, enquanto se faz escravo de todos os vícios.

II — Empenhou-se Péricles a ter em sua companhia a Timon, e lhe fazia tão grande partido, que lhe prometeu com grandeza tudo quanto lhe fosse necessário para passar a vida humana alegremente: Respondeu-lhe ele, que não vendia a sua liberdade.

III — Nunca usamos melhor da nossa liberdade, do que quando a sacrificamos à direção de pessoas, que hão de responder necessariamente da autoridade com que dela usarão.

IV — Quem se lembrasse, que não foi dada a liberdade para dela usar à descrição das paixões, mas só pelas regras do bom sentido, da razão, e das Leis, logo que se não sentisse com forças para a levar por estes caminhos, a não querer despenhar-se, estimaria topar a quem quisesse carregar-se do contrapeso de responder por si e pelos outros.

V — Persuadia uma Hipócrates, que se passasse para Xerxes, dizendo-lhe que era bom Senhor. Respondeu ele: Nem ainda de bom senhor tenho eu necessidade.

VI — A liberdade política, é a que tem cada indivíduo da sociedade, não para executar quanto lhe fizer empreender uma fantasia selvática; não foi para isto, que nas primeiras convenções se acordaram os homens entre si de um depósito comum de suas forças relativas; mas é para gozarem toda a segurança de quanto lhes pertence, sem dever ser perturbado de outro seu igual, e semelhante Feliz Estado, em que só se depende da Lei.

VII — A um que invejava a fortuna de Aristóteles, por comer à mesa com Alexandre, disse Diógenes: Melhor é a minha, pois

Diógenes janta quando Diógenes quer; e Aristóteles quando quer Alexandre.

VIII — *Non bene pro toto libertas venditurauro*, disse Horácio. E o judicioso Falcão introduz a um rato muito invejoso de ver a outro em uma ratoeira rodeado de muito comer, e campo mui espaçoso para passear. Assim é lhe respondeu ele, porque não me faltam iguarias, e este palácio tão formoso para me divertir; mas amigo tomara-me eu daqui cem léguas.

IX — Diógenes, perguntado, que coisa havia melhor na vida, respondeu, que a liberdade: *libertas*.

\*\*\*

Se nós nos pudemos chamar felizes por observarmos depois de um Quadro tão espantoso de passados males, um tão brilhante de bens presentes, e futuros bens; com melhor razão nos poderíamos chamar felicíssimos se pudéssemos recuperar a perda deplorável do objeto que tratam os dois últimos versos do maravilhoso Soneto de um dos nossos sublimados Engenheiros, que abaixo transcrevemos, que pode servir de quadro às passadas, e presentes circunstâncias em que se viu, e vê Portugal.

#### SONETO

Com o tempo o prado seco reverdece,  
Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso,  
Com o tempo para o rio caudaloso,  
Com o tempo o campo pobre se enriquece.

Com o tempo um louro morre, outro floresce,  
Com o tempo um é sereno, outro invernos,  
Com o tempo foge o mal duro e penoso,  
Com o tempo torna o bem já quando esquece.

Com o tempo faz mudança a sorte avara,  
Com o tempo se aniquila um grande Estado,  
Com o tempo torna a ser mais eminente.

Com o tempo tudo corre, tudo para,  
Mas só aquele tempo que é passado,  
Com o tempo se não faz tempo presente.

\*\*\*

Ainda que uma sábia Constituição Nacional não abrangesse (como abrange) um bem geral composto de diversos, e infinitos bens, bastava aquele de constituir um sábio, e digno Código, que dê a Deus o que é de Deus, a César o que é de César: Em suma: — Que já mais possam ter as Leis as interpretações que lhes deram (posto que com ironia) Sólon, Anacársis, e o sábio P. M. Fr. José Supico, como abaixo transcrevemos.

Sólon, e Anacársis, comparavam as Leis às teias de aranha, porque assim como estas só prendem algum mosquito, ou bichinho semelhante, e os maiores as rompem, e zombam delas, assim também as Leis só oprimem, e castigam os humildes, e pobres; e os grandes as desprezam, e fazem tão pouco caso delas, que nem ainda as tocam com o dedo!

O muito Reverendo P. M. Fr. José Supico: Repara, ou pondera no empenho que Herodes mostrou em querer tirar a vida a Cristo, e não o esperar no Templo, quando o levassem a apresentar a ele. Para que se cansa Herodes em matar inocentes, em perseguir justos, em dobrar sentinelas, e em povoar estradas? Espere no Templo a Deus Menino. Mas oh que andou Herodes como Príncipe; e tinha ouvido dizer aos Magos, que Cristo nascia Rei: E nesta suposição diz entre si: Não tenho que me cansar em procurá-lo no Templo; é Rei? é Grande? Pois não há de ir ao Templo, porque se o ir ao Templo é observância da Lei, estes não guardam as Leis, quebram as Leis.

Torno a repetir segunda vez: Quando uma sábia Constituição não nos trouxesse outro bem, mas somente aquele de pôr o Ministro numa severa restrição de dar a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César, isto é: Virtude para o prêmio, Vício para o castigo, serem em suma estes os dois pontos fixos das suas deliberações sem aquela distinção que todos nós sabemos, de que tanto se

vangloriavam os Nobres (que deixam de o ser uma vez que pretendem torcer a Vara da Justiça) e se lastimavam os plebeus!

Não precisa ser grande Jurisconsulto para saber (quando se não queira fechar os ouvidos à vos da razão, ou do interesse!!) que o prêmio é dado — À Virtude — e o castigo ao Crime — que o plebeu depois de praticar uma virtude, é nobre, e que o nobre depois de praticar uma vileza é plebeu. Esta verdade inegável confessa mesmo o Rústico aplaude, e elogia o Sábio, e o Poeta canta:

### SONETO

Pobre, ou rico, vassalo, ou soberano,  
Iguais são todos, todos são parentes,  
Todos nasceram ramos descendentes  
Do tronco antigo do primeiro humano.

Saiba quem de seus títulos ufano  
Toma por qualidade os acidentes,  
Que duas gerações há só diferentes,  
Virtude, e Vício tudo mais é engano.

Por mais que afete a vã Genealogia  
Introduzir nas veias a nobreza,  
De melhor sangue que Adão teria,

Não fará desmentindo a natureza  
Que seja sem virtude a Fidalguia  
Mas que um triste fantasma da Grandeza.

RIMAS DE J. X. DE MATOS

\*\*\*

### CONSIDERAÇÕES SOBRE AS LEIS EM GERAL, E EM PARTICULAR, DE ALGUNS CÉLEBRES, FILÓSOFOS, SÁBIOS E ORADORES

I — Perguntando Plistonato a Pausânias, a causa, porque entre os Espartanos estavam as Leis, ainda as mais antigas, tanto em seu

vigor, respondeu: Porque entre os Lacedemônios as Leis sempre dominam, e nunca foram dominadas.

II — Demóstenes chamava às Leis, alma da República, porque assim como o corpo sem alma logo acaba, assim a República faltando as Leis, logo se arruína.

III — Sem Leis, suntuárias, que deem o tom aos diferentes ramos, que podem despedir do trono geral do público interesse, de mui pouco virão a servir a bondade do Sol, a fertilidade do chão, a atividade da indústria, e a energia do homem.

IV— Para nos mostrar que não muitas mas sabias Leis, e à risca observadas são o que formam a felicidade Pública, dizia o sábio Arcesilau, que assim como aonde há mais abundância de Médicos, há mais enfermidades, assim aonde há muitas Leis há mais vícios!

V — As enfadonhas formalidades (que até ao presente se tem observado, porém graças à nossa Nova Constituição que as dissipará) de que se acham carregadas as Leis na prática do Foro de uma grande parte das Nações, que se dizem policiadas, pode ser, que fossem boas na sua instituição primitiva: pelo menos hoje parece que servem somente de eternizar as matérias dos litígios; de dar que fazer aos Advogados; de fazer viver os Oficiais do Expediente; de obrigar a desistir um pobre; que não tem mais, que muita justiça; e de avisar a Eternidade a um desvalido desesperado litigante. O grande Padre Antônio Vieira, diz com bem graça em um de seus Sermões, que se o Processo Criminal, que se fez a Jesus Cristo em Jerusalém, fosse formalizado pela prática atual do Foro, ainda no seu tempo não estaria consumada a Redenção.

VI — Bias sentenciando à morte um delinquente, lhe correram as lágrimas; e perguntado porque chorava, se como Juiz podia livrar o Réu, respondeu: Porque não posso faltar às Leis da Justiça, nem às da natureza.

VII — A Augusto César, dizia Ovídio: Se todas as vezes, Senhor, que os homens pecam, caísse sobre o delinquente um raio, em breve tempo se veria Júpiter sem armas. Mas não inferiu bem, diz o Padre



Vieira, antes se todas as vezes que os homens pecam, caísse logo o raio sobre o delinquente, não se acabariam, mas sobejariam raios: porque tanto que o castigo andasse junto com o delicto, nenhum homem se havia de arrojar a delinquir.

VIII — A clareza, e a precisão, são dois atributos indispensáveis das boas Leis. Desde o primeiro até ao último dos homens é conveniente, a meu ver, que saibam todos, o que lhes é mandado proibido, ou tolerado. Parece que deveria ser a primeira *Cartilha do Mestre Inácio*, que se mandasse ler aos rapazes na escola; como acontece com a Bíblia nas escolas em *Inglaterra*.

\*\*\*

Este sentimento que nós chamamos Brio, quando ele tem por objeto o amor da nossa Pátria, é a primeira das virtudes Sociais. Todo o homem que possui, e cultiva este sentimento, será sempre o benfeitor da sua espécie, assim como também será um modelo de Heroísmo para os homens que houverem nascido no mesmo terreno, e falarem a mesma Linguagem: — Pois: Ainda que seja um dever o amar a todos os homens, a preferência que nós dermos aos nossos Compatriotas, às produções da sua Indústria, aos frutos; e Cultura de seu terreno, será à medida de graduarmos a nossa própria estimação; quem deu tanta superioridade à Nação Inglesa ( façamos-lhe justiça neste particular), e tantos respeitos sobre os outros povos da Europa?... O seu Brio Nacional! — Portugueses lembremo-nos do Brio Nacional dos Heróis que honraram (e hão de honrar) tanto a nossa Pátria, que em todos os séculos foram e serão, o espanto, e admiração do mundo. Qual seria a Nação, que se não sentira ufana por ter por Compatriota um Albuquerque, que em imensa distância da sua Pátria, ameaçado de todo o poder de um Rei Persiano sem quase algum socorro, respondeu aos Embaixadores deste ao pedirem-lhe Tributos? — Eis a moeda (apontando-lhes para um monte de balas e granadas, e pondo a mão no seu alfanje) de Tributo com que costuma a pagar El-Rei de Portugal!

*É preciso que sejamos quem dantes fomos.*

Quando uma nação tem grandes virtudes Públicas, nunca lhe falta aquela elevação de caráter que a faz sobressair entre as outras Nações contemporâneas. A criação que El-Rei D. João I soube dar a seus filhos, e à Corte, produziu tamanhos efeitos sobre o caráter Nacional, que por quase dois séculos Portugal conservou a preponderância do valor, e da fortuna sobre o resto da Europa. Nestes famosos tempos, a História Militar dos portugueses mostra ilustres documentos de quanto se conheciam, e se praticavam as virtudes heroicas que eternizaram o nome dos Gregos, e dos Romanos, e quanto o amor da família era generosamente sacrificado ao Amor da Pátria. — Entre outros grandes exemplos portugueses, bastará somente citar o de Antônio Moniz Barreto, Governador da Índia. — Achava-se em estreito cerco a importante Fortaleza de Malaca. — o poder dos Aquéns, e dos Jaos era tão forte, que a prudência mesma desconfiava do bom sucesso das nossas Armas. Entre grandes precisões do estado, o Ilustre Barreto querendo aprontar aceleradamente os recursos que pareciam impossíveis de se haverem diz aos moradores de Goa. — "Portugueses trata-se de salvar a Pátria tanto maior é o nosso perigo, tanto maiores sejam os nossos sacrifícios. — Eu tenho um filho menino, eu o ofereço gostosamente à minha Pátria. — São necessários vinte mil *padrões* (*quinze mil cruzados*) para conservar Malaca; meu filho seja o penhor de que o empréstimo de que fazeis ao Estado (*ainda com melhor razão do que se fizer ao corpo Político de uma Nação se deve esperar outro tanto*) vos será fielmente satisfeito." — Duarte Moniz, menino de sete para oito anos, ficou em penhor. — Malaca foi conservada, e o generoso Barreto, que se desempenhou prontamente para com a Cidade de Goa, deixou a todas as Nações um eterno monumento do amor da Pátria.

\*\*\*

O Amor da Pátria sempre se interessa mais pelas ações Ilustres que nos precedem; porém a nossa curiosidade mais vivamente se inflama quando vemos que o sexo das graças e beleza tem servido de engrandecer a nossa História: — No tempo em que o nome Português se fazia temido nas mais remotas partes do mundo em

que as nossas Bandeiras tinham o respeito das Nações da terra, em que a nossa Linguagem foi aprendida pelos mais antigos Povos da Ásia para receberem o nosso Mando: As nossas Empresas encontravam obstáculos, porém não os encontrava a nossa glória, nem a nossa Fortuna: — A Praça de Diu foi um teatro de ambas! Apesar de todos os perigos da guerra, sempre o nosso valor foi aqui brilhante coroado. Era o tempo do segundo cerco, para que tinham concorrido além da grande fama e poder dos Turcos, todos os esforços Del-Rei de Cambaia; porém era também ao mesmo tempo (por fortuna nossa, e glória sua!) o Governador da praça D. João de Mascarenhas. Todos os recursos pareciam faltar-nos, exceto o brio e o amor da glória! — As mulheres quiseram seguir o caminho da imortalidade que as circunstâncias ofereciam ao Nome Português!!... Sem reparo nem ao estado, nem à idade, todas correm à defesa do comum interesse (geral da Nação) sem o menor indício de interesse particular mais do que aquele que resulta a todos os verdadeiros Cidadãos de verem exaltada a sua Pátria. — Os trabalhos mais difíceis são gostosamente suportados entre Cânticos Patrióticos! — A mãe tinha a vingar um filho! — A esposa um marido! — A amante um namorado. Num dia de conflito geral a companhia, ou a lembrança de tantos penhores queridos, e amados, serviu somente de estimular os esforços comuns, e recíprocos: — Isabel Madeira que parecia distinguir-se nas proezas deste dia tanto, ou mais, como já era distinta pelas virtudes conjugais: — Um tiro de Bombarda despedaça, a seu lado, o seu amante esposo, e a deixa na posse de quatro filhos. — As Matronas, e as donzelas que a rodeiam levantam um grito de dor; porém ela fica imóvel e seus olhos enxutos!!! Estas únicas palavras respondem à consternação geral das mais, e patenteiam a grandeza do seu coração: — "Ninguém haja de lastimar-me! Meu marido morreu pela Pátria! Possam meus filhos merecerem esta ventura!" Assim se exprimia em outro tempo o Heroísmo Femenil em Lacedemônia.

\*\*\*

## OBSERVAÇÃO – ALEGORIA – CRÍTICA – MORAL

Quando as discussões de um Congresso são feitas por Cidadãos, sábios, e Prudentes, então lhes podemos chamar Discussões inspiradas por Deus de Moisés (Onipotente Deus Criador do Universo), e bem podemos estar certos que a parte restante dos Cidadãos, que não entram em tal Congresso, será feliz igualmente, isto é: Serão considerados igualmente, ou sejam grandes, ou pequenos (Fidalgos, ou Plebeus) pois que o direito das Gentes não conhece distinção mais do que a Virtude, ou o Crime: outrossim apenas distingue quando se trata de premiar os bons; e castigar os maus, que os homens todos são homens!

*Iguais são todos, todos são parentes,  
Todos nasceram ramos descendentes  
Do tronco antigo do primeiro humano.*

Pelo contrário quando as Discussões são feitas por Ex-Cidadãos (homens só na figura!) ignorantes, e orgulhosos, então lhe podemos chamar Discussões inspiradas por Jove! Deus dos Poetas! (ou das quimeras que vale o mesmo!) e poderemos ficar certos que os homens neste caso não serão tratados conforme os seus merecimentos, mas sim conforme a sua orgulhosa Representação, e exclamarmos com *La Fontaine*.

*Jove duas mesas pôs para os dois lotes  
Da gente deste mundo:  
O Destro, o Esperto, o Forte estão sentados  
À primeira; — os pequenos  
Comem os seus sobejos à segunda.*

\*\*\*

## OBSERVAÇÕES CRÍTICAS E ALEGÓRICAS

I — No conceito de todos os Escritores de boa nota (e até na realidade existente) Portugal em longitude de terreno, e mesmo no círculo circunferencial não é um dos maiores Reinos!... Porém quer pela sua riqueza, posição geográfica, brio de seus habitantes, em

suma por ser cheio como um *ovo* (valho-me desta expressão por não ser eu o primeiro que dela uso) foi sempre olhado por todas as nações europeias com admiração, ou emulação, conforme lhe quizerem chamar?... Não obstante tal é a alternativa dos tempos, que ou por uma inação, ou por uma política (que impolítica lhe chamara eu!) mal considerada, este pequeno círculo cheio como um *ovo*, que assim se podia considerar até à época de 1807 que a ex-política francesa o *galou*, e outras circunstâncias (pelas causas acima que dissemos) o *regalarão*, a não ser uma inesperada Providência com a mira num Heroísmo Constitucional, estava o sobredito *ovo* a ponto de se *chocar* de todo!...

II — Dizem os Políticos, (e eu o creio) que por todas as razões o homem deve aprender a Gramática da sua própria língua... Supomos um inteiro e severo Magistrado: Que bela coisa não é saber conjugar o Verbo — Eu perco (diz um só que às vezes é mui bem que perca por que se faz merecedor de perder; pois que tem perdido outros para ele ganhar!): Nós perdemos (às vezes injustamente): E que a pluralidade do último deve ser preferida à singularidade do primeiro!

III — Quando reina o Despotismo, e o Rigor, o Gênio Grande no centro de um Palácio, vive para si acanhado, aborrecido, e para os outros Entes morto!... Quando a doce liberdade o pequeno Gênio dentro de uma choupana vive altivo, majestoso, e entre balbuciantes vozes de ignorância!! Lhe escapam alguns pensamentos interessantes, e desta sorte se torna mais útil à Sociedade o Ignorante livre, do que o Sábio cativo.

IV — Quando o Governo é Monárquico, sucede, regularmente, que estando um homem no Trono, é governado o Reino por uma Mulher! e se está uma Mulher, por um homem! E desta maneira vem a ser Governados os Povos ora pelos caprichos de um, ora de outro indivíduo!

V — Quando o Governo de um Reino é representado por Cidadãos, todos os Cidadãos desfrutam das graças que lhes competem por seus merecimentos; e quando é representado por um Governo

monárquico apenas as desfrutam os Criados Particulares do Paço, e aqueles que tem particularidades com eles!

\*\*\*

Que aproveita ao que é depravado nos costumes proceder de Ilustre Geração?

*Política Predicável, e Doutrina Moral do bom Governo do Mundo.*

\*\*\*

*Aos Heróis Portuenses, que no dia memorável 24 de agosto de 1820 ergueram pela primeira vez a Voz da Razão, e do Heroísmo a Liberdade Constitucional.*

*Vivei felizes Pios, Vencedores,  
Em ouro escritos sejam vossos nomes,  
Em cedro, em diamantes, em todo o mundo.*

.....

.....

*Em vossos peitos são, limpos ouvidos  
Caíam meus versos, quais me Febo inspira,  
Eu desta glória só fico contente,  
Que a minha terra amei, e a minha gente.*

FERREIRA

\*\*\*

Menos doloroso é (aos olhos do bom Observador) ver a virtude sem prêmio (pois já o leva no primeiro objeto) do que o vício sem castigo: — O Imortal Vate o expressa. —

*E pondo na cobiça freio duro,  
E na ambição também que indignamente  
Tomais mil vezes; e no torpe escuro  
Vício da tirania infame, e urgente:  
Porque essas honras vãs, e esse ouro puro,  
Verdadeiro valor não dão à gente:*



*Melhor é merecê-los sem os ter,  
Que possuí-los sem os merecer.*

CAMÕES

\*\*\*

A Nobreza só é verdadeira onde há Virtude, sem a qual é vaidade:  
— Os Viciosos não são verdadeiramente Nobres, e infamam a sua Nobreza. —

*Rosto de formosura, e graça ornado,  
Riqueza, geração, forças, e honra.  
E todos os mais bens da vã fortuna,  
Juntamente porás numa balança;  
Noutra a Virtude subirá às estrelas  
A balança ligeira da fortuna:  
Mas a grave e pesada da Virtude  
Com o seu peso aos abismos descera.*

DIOGO DE TEIVE

\*\*\*

Não é o Soberano, mas sim as Leis as que devem reinar sobre os Povos.

MASSILON

\*\*\*

*Se o Costume é Lei, e o vício é Engano,  
A estrada vos mostro do Desengano.*

\*\*\*

*Eu a Virtude elevo, o Crime abato,  
Exalto o Luzo, o Golo vitupero,  
Deste as ações tirânicas relato;  
Daquele o Patriotismo, o peito fero:  
Poéticas ficções não junto ao fato,*

*Natural singeleza seguir quero,  
Rodeios não procuro à sã verdade  
Assim falar costuma à humanidade.*

(O Porto Invadido e Libertado)

\*\*\*

*De um Caos surjamos qual dantes éramos!*

(Do Observador Constitucional)

*Aquela antiga idade, que contemplo  
Dos nossos afamados portugueses,  
Das quais erguidas vês um e outro templo.*

.....

.....

*Tendo a mediocridade por riqueza,  
Todo o sobejo fausto aborreciam;  
Quão limpa e formosa era a sua pobreza!*

FERREIRA

\*\*\*

*Quantos há na nossa Aldeia  
Leões e Lobos fingidos,  
Que houveram de andar despidos,  
Senão fora a pele alheia.*



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**